

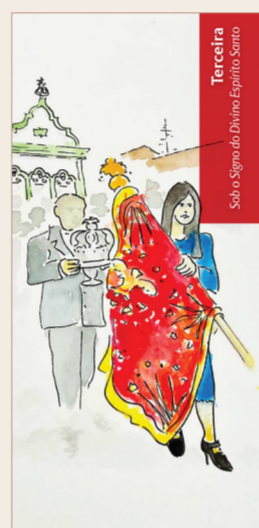


Explore o mesmo tema noutras ilhas dos Açores

ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES



6 ilhas têm disponível um roteiro sobre este tema, conheça as nossas tradições.



Vivenciar o culto ao Divino Espírito Santo

Visitar o Pico durante o Tempo do Espírito Santo, ou seja, entre a Páscoa e a Trindade, é perceber as estratégias de resistência de gentes cuja tradição fala de erupções vulcânicas violentas e de longas ribeiras de lava incandescente, correndo em direcção ao mar e enchendo tudo de negro. Umas aconteceram no Século XVI e outras no Século XVIII, numa terra encimada por uma montanha de mais de dois quilómetros de altitude que, embora adormecida, continua viva.

O Pico é uma ilha seca, agreste e a mais jovem, a grande distância, de todas as outras. É, desde sempre, propícia a vinho e a fruta, com algum milho e muito pouco ou nenhum trigo. A produção de cereais sempre foi custosa e não é por acaso que a maior parte do trigo é importada. Memórias desse viver difícil são, cada vez mais, guardadas pela comunidade ou apresentadas em sítios com a Adega A Rodilha. A ilha faz parte do que habitualmente se designa por triângulo, o grupo das três, dos Açores, mais próximas entre si, Pico, Faial e São Jorge. A proximidade levou à existência de casos de tradições comuns.

Os Bolos de Véspera, por exemplo, comuns a São Jorge, são a regra ao longo da costa Norte do Pico, entre a Calheta de Nesquim, na Ponta Leste, e as Bandeiras a Oeste. Na Piedade, aliás, também existe o espadim, habitual em São Jorge, como "Protector da Coroa". Do outro lado da ilha, de uma ponta a outra da costa Sul, já são as Rosquilhas que reinam, desde a Calheta de Nesquim, até à Madalena, quase dividindo a ilha a meio.

Dois casos diferentes tornam a narrativa mais interessante. Na Calheta de Nesquim dão-se rosquilhas e Vésperas, na Silveira, sensivelmente ao centro da costa Sul, porventura fruto da promessa feita em 1720, quando aconteceu uma das erupções, o Bodo é dado em pão. Pão Alvo (de trigo) e Pão de Massa Sovada, mais doce e fofo.

Quando se organiza uma Festa utilizam-se as insígnias, identificadoras de cada Irmandade e diz-se que se "Levantou um Império". Por isso é normal ouvir falar da Festa do Império de Sábado, na Silveira, ou do Império da Terça-Feira, na Madalena, onde acontece uma monumental dádiva de rosquilhas. Terminada a sua função, os estandartes, varas e mesmo as coroas, podem ficar guardadas no Império, em parceria, como acontece com a Ermida de São Nuno, ou numa igreja. O essencial é que estejam disponíveis quando chegar, de novo, o Tempo do Espírito Santo.

O repasto da festa, as "Sopas" é constituído por sopa, carne

cozida, carne assada e arroz-doce, sempre com o toque especial de quem cozinha. Existem algumas localidades na ilha onde as sopas são servidas com batata branca, couve, cenoura e repollo cozidos.

Se acontecer visitar a ilha do Pico fora deste tempo tão especial, pode acontecer, mesmo assim, que assista a uma das festas e Bodos, promovidas por emigrantes e locais, que as organizam mais durante o Verão, quando vêm de férias, ou, então, procure algum restaurante mais orgulhoso das nossas raízes, ou loja onde esteja à venda uma destas particularidades gastronómicas. Segundo dizem, quanto a pães de massa sovada, rosquilhas e vésperas, de momento existem várias padarias e pastelarias que os fazem muito bem.



Impérios do Espírito Santo do Pico

Impérios dedicadas ao culto do Divino Espírito Santo assinaladas no mapa.

1. Império do Espírito Santo da Criação Velha
2. Império da Terça-feira do Espírito Santo da Madalena
3. Império da Segunda-feira do Espírito Santo do Valverde
4. Império da Santíssima Trindade do Valverde
5. Império do Espírito Santo das Sete Cidades
6. Império do Espírito Santo do Cabo Branco
7. Império do Espírito Santo das Bandeiras
8. Império do Espírito Santo de Santa Luzia
9. Império do Espírito Santo de Santana
10. Império do Espírito Santo de Santo António
11. Império do Espírito Santo do Cais do Pico – (funciona no Convento de São Pedro de Alcântara)
12. Império do Espírito Santo de São Roque
13. Império do Espírito Santo de São Miguel Arcanjo
14. Império do Espírito Santo da Prainha de Cima
15. Império do Espírito Santo da Prainha de Baixo
16. Império do Espírito Santo de Santo Amaro
17. Império do Espírito Santo da Ribeirinha
18. Império do Espírito Santo da Piedade
19. Império do Espírito Santo da Calheta de Nesquim
20. Império do Espírito Santo das Pontas Negras (funciona na ermida de Nossa Senhora de Fátima)
21. Império do Espírito Santo das Terras (funciona na Ermida das Terras)
22. Império do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras
23. Império do Espírito Santo de Santa Bárbara das Ribeiras
24. Império do Espírito Santo das Lajes (funciona na capela de São Pedro)

25. Império do Espírito Santo da Ribeira do Meio
26. Império do Espírito Santo da Silveira
27. Império do Espírito Santo da Companhia de Baixo – São João
28. Império do Espírito Santo da Companhia de Cima – São João
29. Ermida da Irmandade do Espírito Santo da Candelária
30. Império do Divino Espírito Santo da Terra do Pão
31. Ermida da Irmandade do Espírito Santo de São Caetano
32. Ermida do Império do Divino Espírito Santo de São Mateus
33. Império do Espírito Santo ao Paço – São Mateus
34. Império do Espírito Santo do Campo Raso (funciona na Ermida de Nossa Senhora Mãe da Igreja)
35. Império do Espírito Santo da Mirateca (funciona na Ermida de São Nuno)
36. Império do Divino Espírito Santo do Monte



Império da Terça-feira do Espírito Santo da Madalena



Capela do Espírito Santo da Piedade



Império do Espírito Santo ao Paço - São Mateus



Capela do Espírito Santo da Calheta de Nesquim



Império do Divino Espírito Santo da Terra do Pão



Capela do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras



Ermida da Irmandade do Espírito Santo de São Caetano



Capela do Espírito Santo da Companhia de Baixo - São João

Explore PICO AÇORES



Festejar a abundância, em nome do Paráclito, Madalena

O maior Império do Pico é “levantado” na Terça-Feira do Espírito Santo, na Vila da Madalena, em que chegam a ser distribuídas cerca de 10 mil rosquilhas, muitas delas partilhadas com forasteiros que acorrem à ilha, essencialmente provenientes do Faial e de São Jorge, as tradicionais ilhas do triângulo, no grupo central dos Açores. Em açafates de vime, decorados com toalhas de renda branca e levados à cabeça por mulheres, são dispostas as rosquilhas enfeitadas com flores. Serão levadas à igreja matriz a benzer, antes de serem distribuídas em Bodo, acompanhadas por Foliões. O cortejo, organizado como procissão, enche os olhos de luz, cor e alegria, demonstrando que este dia é único no ano. É bom recordar que falamos de pão cuja base é o trigo, raro na ilha e nas mesas das gentes, em tempos nem sequer muito remotos. Esta era uma celebração não apenas do Divino, mas da abundância diferente que, por estes dias do Espírito Santo, descia sobre as ilhas.



Por entre muros, um vinho de mar, Madalena

Para Glória do Divino Paráclito é preciso, pelo menos, vinho, pão e carne, todos em abundância, para afastar as memórias do dia-a-dia. A Paisagem UNESCO das vinhas do Pico é, sem dúvida, a maior das lhas dos Açores. Estende-se por hectares e hectares, permitindo que vinhos, como o tradicional verdeelho, estejam a recuperar, em fama e em proveito. Depois das dificuldades dos anos de 1800, por via da filoxera, como noutras ilhas, o cultivo recupera e o tom doirado regressou aos copos e ao convívio. Olhar as vinhas, em pleno Atlântico, é um regalo.



Uma Coroa na Ermida de São Nuno, Candelária

Nuno Álvares Pereira, o celebrado herói e Condestável de Portugal durante as lutas pela independência, no século XIV, foi, por muitos anos, o Beato Nuno de Santa Maria, perante a Igreja Católica. Porém, aqui no Pico, no lugar da Mirateca, em pleno Atlântico e longe de Aljubarrota e do mosteiro carmelita de Lisboa, foi sempre considerado santo, com uma pequena capela, misto de império e de ermida, arraial e procissão, bodo e festa. Assim se cruzam tradições e sentimentos, e a coroa do Divino Paráclito enobrece o frontispício da Ermida a São Nuno, cuja imagem está no interior, onde costuma estar, também, a tradicional coroa de prata do Espírito Santo.



Os estandartes, marca visível da Irmandade, Cabeço Chão

Uma bandeira no mastro, um estandarte instalado numa sala de festa ou transportado com respeito, são símbolos e marca visível de identidade. Tal como as outras organizações, todas as irmandades do Espírito Santo têm as suas insígnias, com mais razão ainda por se tratar de algo tão imaterial como é a celebração do Império do Senhor Espírito Santo. orgulhosamente ostentado e elevado, nos tempos do Espírito Santo, guardado com respeito e cuidado, no resto do ano. Marcas vivas da Festa, em diversos locais da ilha há quem os faça ou renove, com a características flores de lis nos cantos, mais habituais nesta zona do Arquipélago. A saudea, a emigração e o querer ter uma lembrança do Espírito Santo, o Paráclito, junto de si, conduziram a que haja quem queira levar um estandarte, mais pequeno, para ter em casa, lá nas américas, por exemplo. Existindo quem os faça, grandes e bordados à mão, também há quem os faz mais pequenos, como, por exemplo, Paula Rosa, no Cabeço Chão.



Os bois que escaparam à lava, São Roque

A memória das diversas erupções, havidas já em tempos históricos, aqui no Pico, em que “rebetou fogo”, originando extensas escoadas de lava, nos Séculos XVI e XVIII, deu origem a situações tidas como milagres do Divino Paráclito. Uma delas conta a de uns bois, prometidos para as Festas do Espírito Santo, que estavam no campo quando “veio o fogo”. Assustados, fugiram como puderam e acabaram num alto. Quando a terrível rocha líquida passou e arrefeceu o suficiente, o povo viu que os animais estavam no cabeço. Só quem já esteve próximo de uma destas torrentes, por vezes altas e a deslocar-se de modo onnipotente e tremendo, abocanhando tudo, pode imaginar a sensação de milagre de quem os viu, depois da passagem, no cabeço verde, rodeados de negro fumegante. Aconteceu num alto que fica próximo da casa dos Serviços Florestais, junto da lagoa do Caiado, na Estrada do Mato que liga Lajes à Madalena. A enormidade dessas lavas pode avaliar-se, ainda hoje, pela mancha florestal que cobre o Mistério da Prainha, mesmo ao lado, um dos quatro “Mistérios” da ilha do Pico.



O Divino e o mar, Santo Amaro

Durante séculos, saíram dos estaleiros de Santo Amaro do Pico, esbeltas embarcações, de maior e menor porte, desde navios de cabotagem a traineiras, lanchas “gasolinas” e botes de pesca da baleia. Visitar os recantos onde a vida da construção naval ainda existe por aqui, é fundamental, numa viagem ao Pico. Os estaleiros de Santo Amaro são muito mais do que história regional, tendo saído daqui construtores que tiveram êxito na baía de São Francisco, por exemplo. A relação com o Espírito Santo é complexa e bonita. O primeiro iate de cabotagem “Espírito Santo” foi mandado construir, em Santo Amaro do Pico, por João da Cunha, da Graciosa, na sequência de um voto feito ao Divino Espírito Santo, caso escapasse com vida do naufrágio de um barco em que navegava. Esse primeiro “Espírito Santo” começou a navegar em 1855, tinha 28 toneladas de arqueação e navegou até 1892 ou 1893. Duante mais de um século foram vários os navios com esse nome, todos construídos em Santo Amaro do Pico, o último dos quais, com a matrícula SG 16 TL, navegou até ao último quartel do século XX. O nome continua a ser usado, agora por um navio de maior porte, pertencente aos Transportes Marítimos Graciosenses.



Os açafates do orgulho, Ribeirinha

Os Bodos, em louvor do Senhor Espírito Santo, envolvem sempre uma festa de abundância, onde os açafates, cheios de pão ou de rosquilhas, ganham evidência. Porventura no Pico essa é a marca especial, nomeadamente na Madalena. Na Ribeirinha do Pico existe um artesan de vimes, Germano Pimentel, coisa muito rara nos dias que correm, que insiste em fazer esses açafates, pois o vime, se não for cuidado e, mesmo sendo, é coisa viva, que se estraga e perde, com o tempo. A sua arte, necessária e apreciada, mantém a produção possível de mais este artefacto, que só ganha vida no tempo do Espírito Santo. Como, em muitas situações, são meninas mais novas a levar as rosquilhas, ele evoluiu e, hoje em dia, também constrói açafates menores para esses casos.



Os chavões, do outro lado do Canal, Piedade

Os chavões, esculpidos em madeira boa e destinados a marcar as Vésperas, existem no lado norte da ilha do Pico, voltado a São Jorge, e, na designada Ponta da Ilha, a Piedade, já que essa é a parte da ilha onde as Vésperas são peça essencial do Bodo. Tradição partilhada entre S. Jorge, Pico e Graciosa, indicariam, antigamente, quem tinha feito os pães ou bolos, porventura para se desobrigarem da promessa ou obrigação de contribuição para o grupo e a Festa. Noutras regiões da Europa, como a Flandres, existem resquícos dessa mesma acção, sobretudo em regiões de fornos comunitários, onde várias casas e famílias colocavam tudo junto num mesmo forno. Agora aparecem sobretudo guardados em museus. Aqui, porém, permanecem actuaentes e vivos, na maior festa do povo destas ilhas, pelas mãos de João Alves, um artesão que se mantém activo, seja na produção de recordações seja na de Chavões novos, se algum se quebrar.



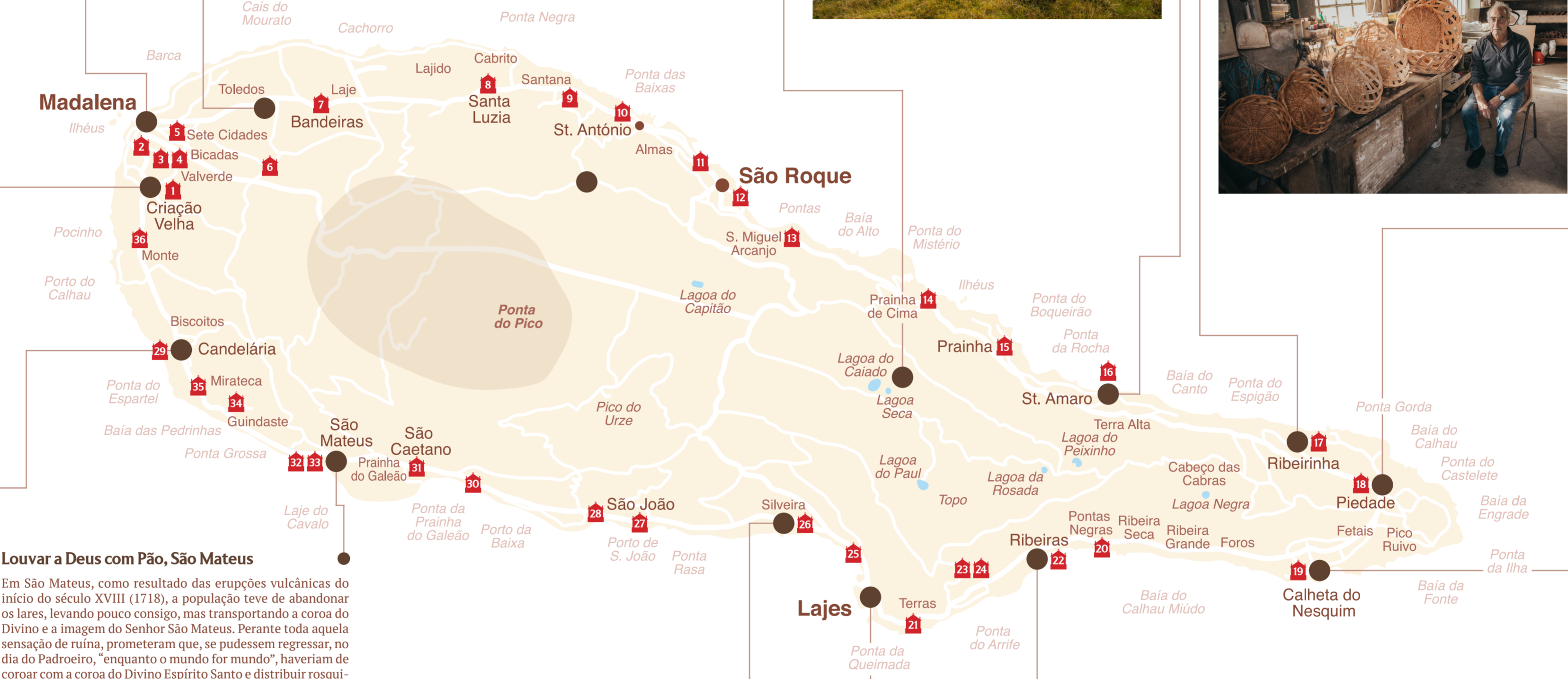
Calheta de Nesquim, o lugar do encontro, Calheta de Nesquim

Entre Bandeiras e Piedade, imperam as Vésperas, como modo de celebrar o Divino. A proximidade do lado Norte do Pico com São Jorge, ao longo de muitas dezenas de quilómetros, e os pequenos portos costeiros, favoreceram a partilha ou a transposição de costumes. A Calheta de Nesquim, lugar de antiga tradição baleeira, a sudeste do Pico e frente ao mar aberto, é o ponto de encontro com a outra tradição de Bodo: as rosquilhas. Interessante é que esse contacto gerou uma situação única, segundo dizem, misturando-se as duas tradições já que, aqui, se dão ambos a quem passa, sem distinção.



Ter o Divino junto a si, Ribeiras

A ilha do Pico é uma das ilhas dos Açores onde a imaterialidade do Divino está mais presente, como forma de companhia. Pode parecer estranho, mas a ideia de cada um trazer consigo algum símbolo ou recordação do Espírito Santo, leva à produção de coisas tão simples como um porta-chaves. Peça utilitária e que permite arrumar as chaves, transporta consigo, ao mesmo tempo, memórias de Festa, recordações da terra, sensação de protecção e apoio. A arteã Diana Silva é uma das que trabalha essa arte da mistura sábia de sentimentos e memórias.



300 anos... e mais, de Fé, Silveira

Fundada na Silveira, costa sul do Pico, em 1723, por voto solene feito em 1720, esta Irmandade é resultado directo de uma das muitas convulsões vulcânicas que afectaram a ilha. Ao comemorar, em 2023, os seus trezentos anos de existência, o “Império do sábado do Espírito Santo” recordou o aniversário dos 300 anos das erupções históricas de 1718 e 1720, mantendo a tradição de, diferentemente dos outros da ilha, dar pão de trigo em bodo. No pátio, em frente da Capela do Espírito Santo, está agora um pequenino monumento com simbologia do Espírito Santo, evocando tudo isso e, nas proximidades, podem-se visitar os Mistérios de São João e da Silveira e tentar perceber e sentir um pouco do que sentiram os habitantes de então e a razão do voto. Na Silveira, ao contrário do resto da ilha, não são dadas nem Vésperas, nem Rosquilhas, mas Pão Alvo (pão de trigo) e Pão Doce.



A Matriz da Santíssima Trindade, Lajes

São Pedro é o patrono concelhio e a Festa da Senhora de Lourdes a festa maior do Concelho das Lajes. Porém, embora próxima da primeira Ermida da Ilha do Pico, precisamente dedicada a São Pedro e do Padrão evocativo do Povoamento, esta igreja Matriz é dedicada à Santíssima Trindade. Um Templo moderno, que demorou anos a completar, conhecendo-se fotografias da obra, já bem entrado o século XX. Estando implícita a devoção ao Espírito Santo, apresenta, no topo do retábulo do altar-mor, uma representação simbólica, ao mesmo tempo muito antiga e muito moderna. A Trindade aparece aqui como o “olho do Pai” do Velho Testamento, que tudo vê e tudo protege. Representação rara, bem integrada nas temáticas contemporâneas, muito mais simbólicas e abstractas do que as tradicionais e figurativas.